

Diplomacia econômica, realidade e ilusões

MARCELO DE PAIVA ABREU

O Ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, no quadro da discussão sobre a estratégia ótima para a política econômica externa brasileira, tem insistido acertadamente na distinção entre opção e destino.

O discurso oficial brasileiro tem negado às negociações da Alca qualquer característica associada à inexorabilidade: trata-se de opção a ser avaliada com base no resultado concreto das negociações. O Brasil, que firmou um compromisso com relação ao cronograma de negociações em 1994, insistiu agora, com sucesso, que esse cronograma fosse respeitado. Dependendo do que lhe for oferecido como concessões substantivas, decidirá se o balanço de concessões justifica sua participação em uma zona comercial preferencial hemisférica.

Em contraste, por diversas razões, o Mercosul, ou mais precisamente, um entendimento político e econômico de longo prazo com a Argentina, parece ser visto como parte do destino brasileiro, algo inexorável. Tal juízo estaria lastreado nos benefícios concretos de tal arranjo, especialmente se cotejado à alternativa de sua inexistência, e também do que já se investiu nos últimos 16 anos na aproximação entre Argentina e Brasil. A negação de tal destino requereria um esforço sistemático de desmantelamento dos resultados já alcançados, baseado em reavaliação discutível dos benefícios líquidos decorrentes de estratégias alternativas, especialmente por parte das autoridades argentinas, continuamente submetidas a fortes pressões devido à fragilidade real ou percebida do regime cambial pós-1991.

A definição do real espaço de manobra disponível para a formulação de uma política econômica externa razoavelmente eficaz de fato depende crucialmente da capacidade de distinguir corretamente entre opções e destino. Os recentes percalços relacionados à Alca e ao Mercosul propiciaram inúmeras manifestações na imprensa sobre quais deveriam ser os novos rumos da política econômica externa brasileira. O seu conjunto está longe de ser animador. Será necessário grande avanço no entendimento dos temas em discussão no quadro da política econômica externa para que seja efetivamente assegurada a defesa dos interesses nacionais, isto é, da maioria da população brasileira.

Reputado cientista social, admirador do presidente da República, propôs, aparentemente sem intuito jocoso, que o Brasil se retire da Organização Mundial do Comércio e forme com outros países dissidentes uma organização internacional alternativa. Nega-se assim a essência dos benefícios do multilateralismo através da aplicação generalizada da cláusula de nação mais favorecida.

Diversos articulistas pretenderam refutar "in limine" qualquer possibilidade de que se possa alcançar resultados benéficos "ao País" através de negociações na Alca que envolvam trocas de concessões entre os futuros parceiros e mais especificamente entre Brasil e Estados Unidos. Certas análises parecem desconhecer princípios básicos tais

como o das vantagens comparativas, regredindo ao início do século 19. Na maioria dessas análises há completa despreocupação quanto à credibilidade de longo prazo da política externa brasileira face ao fato de que, no apagar das luzes do governo Itamar Franco, o Brasil assinou em Miami compromisso formal de que negociaria a Alca até 2005. Se as negociações serão ou não satisfatórias do ponto de vista brasileiro é algo que só a História responderá. Recusar-se a negociar é algo que não está no conjunto de ações viáveis para a diplomacia econômica brasileira, a menos de abrupta descontinuidade rumo, em última instância, à perda de credibilidade.

Análises superficiais do que poderiam ser as novas prioridades da política econômica externa brasileira sugerem que o Brasil deveria voltar as costas à OMC e à Alca e concentrar os esforços da sua diplomacia econômica no aprofundamento de relações com economias que, a exemplo do Brasil almejado, "valorizam o seu mercado interno": Índia, China e Rússia. Todas estas economias, a exemplo do Brasil, têm de fato dimensões substanciais, têm expressão política pelo menos regional e não são facilmente classificáveis nas esferas de influência dos Estados Unidos, da União Européia ou do Japão.

Seria, realmente muito desejável que as relações políticas e econômicas do Brasil com estas economias fossem ampliadas e o Itamaraty deveria reorientar os seus recursos para alcançar este objetivo, embora a experiência demonstre que a tarefa não é fácil. Mas, na verdade, mesmo estas outras economias ditas continentais estão comprometidas com a abertura de suas economias. O que os proponentes da estratégia econômica baseada no "mercado interno" parecem defender é, de fato, o retorno à proteção desmesurada, a despeito de ser evidente que o Brasil voltado para dentro, depois de um longo período de grande sucesso até o fim dos anos 70, estagnou miseravelmente. O saudosismo, para ter alguma base concreta na História, teria de estar associado a uma amnésia seletiva que deixasse de levar em conta a trágica década de 80.

Não há inovações férteis que alterem o destino da política econômica externa do Brasil que está em grande medida pré-determinado, se o objetivo é sustentar o crescimento e melhorar o nível de vida da população. Devemos participar ativamente da OMC. Como país de poder de barganha modesto temos interesse especial no fortalecimento das instituições multilaterais que possam moderar a preeminência dos grandes protagonistas no sistema mundial de comércio. É inexorável a redução adicional das barreiras às importações no médio prazo, resultado de nova rodada na OMC ou de acordos regionais e sub-regionais. O Brasil deve usar a margem de manobra de que dispõe para assegurar: o aumento da competitividade para os produtos brasileiros viabilizada pela adoção de boas políticas globais e setoriais, a operação de um sistema de defesa comercial eficiente e o acesso às exportações nos mercados dos nossos parceiros comerciais. Inovações pretensamente salvadoras podem até ter apelo eleitoral, mas parecem desconhecer os implacáveis limites impostos pela realidade a tais ilusões.